

de triunfo no seio das nações glorioas da Terra; mas, enquanto o homem não ouvir o apelo suave da caridade, para fazer-se verdadeiro irmão do próximo, o solo do Planeta permanecerá empestado de vermes e ancharcado de sangue dos mártires, que continuará tombando a serviço da divina virtude em intermina caudal.

REMINISCÉNCIAS

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

O Brasil republicano vagia entre as faixas do berço, quando conheci Manuel Ramos, nome pelo qual designarei um amigo obscuro, que abracei pela primeira vez no curso de breve contenda com portugueses ilustres, a propósito de Floriano.

Comentávamos desfavoravelmente as atitudes cordiais do embaixador Camelo Lampreia, que primava pelo bom senso, na conciliação dos elementos exaltados, ante os atos do Consolidador, quando um amigo brasileiro, justamente indignado, se prepara a revide de enormes proporções, de punhos cerrados e carantonha sombria. Assustado, procurava eu apartar os contendores, quando surge o Manuel, com a carcaça de um touro e com a alma de anjo, evitando o pugilato.

Conteve os antagonistas, qual se fora um gladiador romano, habituado ao manejo de feras, e eu, tomado de simpatia, ofereci-lhe a mão, em sinal de reconhecimento, quando os ânimos irritados possibilitaram a conversa pacífica.

No amplexo amistoso, porém, observei que Manuel não era servidor comum, que se contentasse com a gorjeta ou com o elogio fácil.

Surpreendeu-me com o seu olhar indagador, a fixar-me insistenteamente.

E quando preparei, intencional, as frases da despedida, o musculoso interventor da rixa inesperada me falou, sem preâmbulos:

— Doutor Medeiros, poderá conceder-me uma palavrinha?

Quem não anuiria em ocasião como aquela?

O rapaz, contudo, foi breve. Biografou-se com simplicidade, através de informes curtos e francos.

Era empregado na cozinha de portugueses acolhedores, que o faziam encarregado da bacalhada acessível à numerosa freguesia, em atividade regular no porto. Fluminense de origem, buscou o Rio com o sonho maravilhoso de todos os moços pobres do interior, que imaginam na metrópole o Eldorado das miragens de Orellana. Não conseguira, entretanto, senão a colocação humilde, em casa de pasto, embora vivesse de livro às mãos.

Estudava, estudava, mas... — salientava, desalentado — a sorte lhe fora incrivelmente adversa.

Onerado de compromissos, na órbita da família, vira o pai morrer, quase sem recursos, minado pela peste branca, e presenciara a loucura de sua mãe, desvairada de dor sobre o cadáver do companheiro e mais tarde internada, com ficha de indigente, em hospital da Capital.

Sobravam-lhe, ainda, quatro irmãs para cuidar.

Ganhava pouco e mal conseguia atender ao constante dreno doméstico. Agrupou em palavras rápidas e respeitosas diversas questões pequeninas que lhe apontavam a mente, detendo-se, porém, no caso materno, com minudências curiosas a lhe revelarem a grandeza do sentimento afetivo; e, por fim, imprimindo significativa reverência ao timbre de voz, pediu-me conselho, asseverando-se informação quanto aos meus estudos de magnétismo.

Não poderia, de minha parte, prestar-lhe socorro?

Reparando, talvez, a ponta de sarcasmo que me usou no sorriso de gozador impenitente, consentiu o passo, acentuando que, se me não fosse possível a visita direta ao internato, a fim de aliviar-lhe a genitora doente, esperava que eu lhe

desse, pelo menos, algumas noções alusivas ao assunto.

Ante a sinceridade cristalina e a beleza do devotamento filial que ele apresentava, por pouco lhe não pedi desculpas pela ironia silenciosa de momentos antes, e assenti.

Realmente, expliquei, não me confiava a experiências do teor daquela que me solicitava, mas dispunha de literatura valiosa e aproveitável.

Ceder-lhe-ia com prazer o material que desejasse.

Combinámos o encontro para o dia seguinte.

Apareceu Manuel, pontualmente, à entrevista, ouvindo-me, atencioso, como se ele estivesse à escuta de informações relativas a tesouros ocultos.

Acreditando falar muito mais comigo mesmo, recordei, para começar, a figura de Mésamer.

Manuel, contudo, não se mostrou leigo no assunto. Frederico Mésamer era para ele velho conhecido. Reportou-se, de modo simples, às leituras em francês a que se consagrava cada noite, em companhia de anônimo políglota do subúrbio, e referiu-se à clínica do grande magnetizador na *Place Vendôme*, qual se houvera morado em Paris ao tempo de Luís XVI. Sabia quantos reveses o valoroso professor havia sofrido para provar as novidades científicas de que se sentia portador. O rapaz chegava a conhecer o texto do voto vencido, com o qual De Jussieu (*), o fundador da botânica moderna, se revelava o único amigo da verdade, na comissão indicada pela Sociedade Real de Medicina, a fim de apurar a realidade dos fenômenos magnéticos.

Agradavelmente surpreendido, senti-me à vontade no comentário aberto.

Recordei De Puységur, anotando-lhe os experimentos preciosos, quando, mordiscando de curio-

(*) Antônio Lourenço de Jussieu (1748-1836). — N. da Editora.

sidade, passeava no salão a gritar, inquieto, para os ouvidos de seus pacientes: — "Dormes! Dormez!"

E, num desfile de impressões do brasileiro que vive de frente para a Europa, falei-lhe de Braid, de Liébeault, Bernheim e Charcot, especificando as características das escolas de Nancy e de Paris.

Alinhei minhas próprias observações, e Manuel, então silencioso, me assinalava as palavras como se fora deslumbrado e ditoso devoto à frente de um semi-deus.

Recolheu, contente, a copiosa literatura em português e francês que lhe pus nas mãos ávidas e partiu.

De quando em quando me procurava, gentil, em visitas apressadas, a que, por minha vez, não prestava maior atenção.

A vida abriu-me caminho, por outros rumos, no seio do matagal humano, e, à maneira do seixo que rola para o mar, impulsionado pelos detritos que descem da serra, a golpes irresistíveis da enxurrada grossa, ao invés de seguir no curso de águas pacíficas, avancei no tempo, através de peripécias mil, na política e na imprensa, incapaz de erguer-me à esfera transcendente das cogitações religiosas.

Quando, em 1916, voltei da Europa com largo programa de serviço pró-adesão do Brasil aos Aliados, na culminância da batalha jornalística, eis que me aparece o Manuel, em pleno escritório, num singular extravasamento de alegria.

Forçara portas e afrontara auxiliares neurastênicos para ver-me e apertar-me nos braços.

— Doutor Medeiros! Doutor Medeiros! Enfim!... clamava, ofegante — há quanto tempo, meu Deus! há quanto tempo!...

Respondi-lhe ao abraço, com um sorriso forçado, porque nesse mesmo instante deveria avisar-me com Lauro Müller, a respeito de solenes decisões na campanha popular desencadeada.

Desejei provocar a retirada do importuno, que deixava transparecer nas bochechas de quarentão maduro aquela mesma alegria robusta do tempo de Floriano.

A conversação dele fazia-se absolutamente ímpar, a meu ver, em semelhante ocasião; entretanto, Manuel não me ofereceu qualquer oportunidade de censura cordial ao seu procedimento.

Eufórico, palavroso, desparafusou a língua e narrou êxitos sobre êxitos.

O magnetismo desvendara-lhe estradas novas. Conseguira milagres. Mantinha correspondência ativa com estudiosos ilustres da França. Apresentava, garbosamente, conclusões próprias acerca do desdobramento da personalidade. Enfileirava apontamentos especiais sobre o sistema nervoso. Engalanava-se com dezenas de casos raríssimos de cura, inclusive o da própria genitora que se reequilibrara e ainda vivia.

E acrescentava informes, referentes ao jardim doméstico, sem me oferecer um minuto para qualquer consideração.

Casara-se. Possuía três filhos que pretendia apresentar-me. A esposa e ele acompanhavam, carinhosamente, as minhas páginas em "A Noite". Convidava-me a visitar-lhe a família, quando chega ao recinto o ex-ministro, fitando-me com assombro, como se me surpreendesse na companhia de um louco.

O antigo quituteiro do restaurante português não se deu por achado ouvindo declinar o nome do respeitável político. Iluminaram-se-lhe os olhos, sobrou ânimo novo e, sem mais nem menos, recomendou-nos frequência assídua às sessões espíritas a que se dedicava nas noites de terças e sextas-feiras, junto de amigos e estudantes do Evangelho, encarecendo a necessidade de homens espiritualizados na administração do País. Reportou-se a Bittencourt Sampaio com frases quentes de aplauso. Bacou do bolso, que denotava prolongada au-

sência da lavanderia, seioso maço de papéis e leu, em voz estentórica, a primeira mensagem de Bezerra de Menezes, no "Grupo Ismael", através do médium Frederico Júnior, e, longe de parar, abriu diante de nós maltratado volume do Novo Testamento, combinando a leitura de alguns textos com as páginas de Allan Kardec, ao mesmo tempo que indagava de minhas impressões acerca da Casa dos Espíritas, em Paris.

Mastiguei uma resposta qualquer, e Manuel, absolutamente incapaz de entender a minha inadaptação às verdades de que se fizera pregoeiro, continuou exaltando os imperativos de renúncia e de sacrifício para nós ambos, como se fora trovejante doutrinador em praça pública.

E quando se inclinava ao comentário de reencarnações passadas, afirmando ter vivido ao tempo de Gângis-Khan, mal sopitando a vergonha que aquela intimidade me provocava, recomendava-lhe silêncio em tom autoritário e des cortês.

O pobre amigo empalideceu e, enquanto o ex-ministro de Wenceslau Braz erguia para mim o olhar perscrutador, informei, implacável, indicando Manuel estarrecido:

— Lauro, tenho aqui um ex-empregado reque rendo nossos préstimos. Não é má pessoa, mas enlouqueceu de repente. Guarda a mania do espiritismo e eu desejava seus bons ofícios para que o infeliz obtivesse tratamento acessível na Praia Vermelha. Creio que não precisará do internato em regra, mas não pode prescindir de algum contacto com o hospício.

O grande político levou o caso a sério e respondeu sem hesitar:

— Esteja descansado. Farei por ele quanto possa.

Nunca me esquecerei do olhar humilde que Manuel me dirigiu sem a menor reação, com duas grossas lágrimas, ao despedir-se cabisbaixo, sem mais uma palavra.

Depois, a vida continuou rolando, arrastando-me em seu torvelinho trepidante, mas o meu antigo aprendiz de magnetismo não mais me apareceu no caminho.

Política, jornalismo, aventuras...

Eis, porém, chegado o momento em que meus olhos se turvaram, como que embaciados por es- pesso véu.

Era o sono, era a morte? que sabia eu?

Compreendia apenas que não era mais possível brincar com a inteligência.

Indefinível pavor do desconhecido me assaltava o coração, afogado em lágrimas que eu não conseguia derramar.

Densa noite envolvia-me de súbito, e eu gritei com toda a força dos pulmões cansados, clamando por enfermagem e socorro, que se me afiguravam distanciados para sempre.

Em que tenebroso lugar minha voz vibraria agora, sem eco? que ouvidos me captariam as lamentações? Por quanto tempo supliquei apoio naquela posição de insegurança?

E' inútil formular indagações a que não podemos responder.

Um instante surgiu, contudo, em que percebi junto de mim prateada luz.

Alguém se aproximava, dando-me a ideia de piedoso visitador, remanescente talvez de São Bernardo, o salvador de viajantes perdidos nas trevas.

Diante do meu deslumbramento, a claridade cresceu, cresceu, e uma voz, que jamais olvidei, saudou alegremente:

— Doutor Medeiros! Doutor Medeiros!...

E o Manuel surgiu fulgurante de rara beleza, ante meus olhos assombrados, estendendo-me os braços fraternos.

Quietou-se-me, então, o raciocínio humano, apagaram-se-me os pruridos da inteligência.

Manuel, aureolado de sublimada luz, era para mim agora um verdadeiro redentor. Confieei-me ao

seu carinho, copiando a rendição da criança assustada, que se refugia no seio materno, e uma vida nova começou para mim, sómente imaginável por aqueles que sabem sobrepariar ao turbilhão de mentiras humanas, para escutarem, de alguma sorte, a mensagem renovadora dos companheiros que atravessaram a cinzenta e gelada fronteira do túmulo.

PAZ E LUTA

JOANA ANGÉLICA

Muitas vezes, a pretexto de servir a Jesus, fugimos para a sombra quieta do claustro, abandonando a luta em que o Mestre espera de nós a colaboração salutar.

Mal nos sabe a escolha, porque, em semelhante contemplação, cultivamos a inutilidade e acordamos, ao clarim da morte, na condição do pássaro de asas entorpecidas.

Diz-se que é preciso aborriscer o pecado, buscando o recanto silencioso da virtude improdutiva e anestesiante, sem o que não abominaremos Sata-nás e as suas obras.

Não traduzirá, porém, essa atitude ruinosa desceaso para com o mundo e para com as almas que o Senhor nos confiou aos cuidados e salvaguarda?

Fora preciso que o amor não passasse de escura mentira, para crermos em nossa salvação exclusiva, com deplorável esquecimento dos outros. Um soluço de criança na Terra destruiria o Céu que a teologia comum criou para atender, em caráter provisório, as nossas indagações.

O clima de contrastes em que a inteligência da criatura se alarga e evolue, propiciando-lhe dificuldades e sombras temporárias, é, na essência, a paisagem indispensável ao crescimento do espírito, para a vitória do amor, no coração do Homem e no caminho da Humanidade.

A paz resulta do equilíbrio e não da inércia.